

O Fio da Meada no Diário de Vargas

Maria Celina D'Araujo

Descobrir que Vargas deixou um diário pessoal; escrito ao longo de 12 anos, foi uma revelação surpreendente. Mas tão forte quanto a curiosidade em saber o que continha, foi o interesse em entender por que teria sido escrito. Escrever diários não é exatamente uma ocupação comum dos políticos e da elite brasileira em geral. Intelectuais e escritores nacionais não costumam nos brindar com esse tipo de preciosidade, e até mesmo o diário-ficção, que recebeu um tratamento modelo no *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, não é um estilo literário comum entre escritores de língua portuguesa e espanhola se comparado com a produção anglo-saxônica (cf. Cruz, 1975).

O diário de Vargas deve ser inserido dentro de uma discussão que se dedica não apenas a classificar e interpretar esse tipo de escrito, mas também a entender seu surgimento e as motivações históricas e sociais que propiciam sua produção. Até há pouco tempo o interesse maior em torno do tema provinha da literatura. Embora o diário seja reconhecidamente uma fonte histórica, só recentemente historiadores e sociólogos têm se detido em tratá-lo como objeto de estudo. As reflexões têm avançado, ora mostrando os condicionantes religiosos e econômicos, ora enfatizando as transformações nas relações entre indivíduo e sociedade. O que se procura com este artigo é colocar as justificativas diretas e indiretas que o próprio Vargas usou para elaborar seu diário dentro de

Nota: Agradeço a leitura atenciosa e os comentários de Lúcia Lippi Oliveira.

uma discussão que procura mostrar que esse tipo de produção, além de fonte histórica e experimento literário, é em si mesmo parte da história e da construção do sujeito e de sua biografia.

O conteúdo do diário de Vargas ainda não foi objeto de um exame detalhado no que toca ao inventário de possibilidades temáticas que oferece ao historiador. A título de ilustração podemos lembrar que, a começar pela Revolução de 1930, ele narra, com mais ou menos detalhes, todas as grandes decisões que transcorrem no país até 1942. Além disso, comenta problemas do cotidiano do poder de uma maneira inusitada. Para quem se consagrou com uma imagem de ditador, “dono da situação”, as incertezas e as fragilidades eram bem mais fortes e constantes do que usualmente se supõe. Crises de confiança e temores quanto a conspirações envolvendo militares e civis são preocupações que ocupam grande parte das anotações, mesmo durante o Estado Novo.

Se o que o diário de Vargas nos conta merece ser objeto de um inventário, o mesmo se pode dizer acerca daquilo que ele omite ou dissimula. Não são poucas as vezes em que fatos que se tornaram referenciais para o futuro foram registrados com superficialidade, sem qualquer explicação mais convincente para quem conhece *a posteriori* os resultados do curso de certas ações.¹ Do diário não se pode dizer também que contenha novidades que não sejam sustentadas pelas evidências históricas que conhecemos. Apresenta um compromisso com a veracidade dos fatos, embora o grau de atenção que estes merecem difira do que foi convencionalizado pelos estudiosos que examinaram a obra política e o período de Vargas. Pode-se dizer ainda que é um documento complementar aos demais por ele deixado, mas não se pode, a partir disso, concluir que com o diário tenhamos atingido um conjunto capaz de nos dar uma visão completa e holística sobre Getúlio. Parodiando o diarista que diz a certa altura preferir ser interpretado do que se explicar, o diário realiza esse intuito: depois de lido, o leitor terá que interpretar nas entrelinhas como seu autor vivenciou certas experiências e por que as registra às vezes com tanta economia de palavras, outras vezes com tanto detalhamento e rigor. O diário não é generoso em explicações pessoais para com os atos políticos do diarista nem é, como no caso de outros famosos, um confidente, um amigo ou uma razão de viver. De toda forma é uma espécie de fio da meada para entendemos como Vargas lidava com a política, entendida por ele como uma missão destinada apenas ao sucesso.

Diários modernos, como o de Vargas, são formas de construção do *self*, são construtos verbais que remetem a estilos e imagens que envolvem complexos processos psicológicos e literários, e não é fortuito que até meados do século XIX os homens tenham se dedicado mais a eles do que as mulheres (cf. Culley, 1985). Para alguns diaristas o diário era mesmo uma tentativa de cópia do eu

que se confundia com a própria vida. Era parte da identidade e da construção da pessoa. Para se entender essa mutação sofrida pelo diário – e pelas pessoas – a melhor maneira é, segundo Olney (1980), ler os diários no original. Ver a forma dos cadernos, os cuidados que receberam, se são enfeitados, se têm desenhos, espirais, enfim, coisas que revelem lados da personalidade de quem os escreveu. Além do mais, pode-se ver as oscilações da caligrafia, ênfases e passagens grifadas. Eles revelam o que Olney chama as metáforas do *self*, uma obra em processo, um tipo de fragmento cuja forma depende dos rumos que a vida vai tomando. Às vezes é repetitivo, mas essa repetição faz parte dessa dinâmica. Diferentemente de um romance que cria um mundo ficcional e de uma autobiografia que olha para trás a partir de um ponto fixo, o diário representa um tempo presente contínuo, acompanhando o destino imprevisível e imponderável. E tanto para o diarista como para o leitor, cada dia seguinte será sempre uma surpresa.

Uma importante contribuição para entender as transformações e os sentidos pelos quais passaram o diário vem de Peter Boerner (1972). Segundo ele, quando lemos diários de séculos mais remotos estamos sempre impressionados pelo seu caráter intimista e privado, e embora o diarista concebesse suas notas como uma forma de recordar experiências, aliviar emoções ou como um instrumento de prazer, raramente lhe ocorria que pudessem ser publicadas ou divulgadas. Hoje, contudo, ninguém mais, segundo o autor, escreveria um diário sem ter em mente um público leitor. A que se deve esta mudança? Diante dessa indagação Boerner vai distinguir algumas características que marcariam essa nova compreensão dos diários. A primeira diz respeito ao fato de que, a partir do século XVIII, eles passaram a revelar uma forte interconexão do mundo público com o privado, a ter uma dupla função, na medida em que podiam se prestar à auto-observação mas também ao registro de viagens e peregrinações. Para outros, como o escritor James Boswell, o diário preencheu o papel de auto-exame e foi também uma forma de comunicação literária. Neste caso, motivações pessoais passaram a se acoplar à possibilidade de interação com o mundo exterior, não intimista, o que teve no leitor uma excelente receptividade. Outro fator para a popularização do diário foi sua adoção como instrumento de introspecção psicológica, a exemplo de Amiel e Stendhal, ou como um meio de registrar com avidez descobertas realizadas em viagens de investigação, tal como o fez Darwin no início do século XIX.

No século passado, ainda, revestido da idéia de “veracidade” e autenticidade, o diário passou a ser visto como uma fonte autêntica de pesquisa histórica e literária, comprometida com a realidade. No início do século XX, a motivação para a publicação e a popularidade do diário era o fato de ser concebido como uma peça-mestra para a auto-análise. Por essas e outras razões, conclui o autor,

a interação entre incentivos públicos e privados levou a que contemporaneamente políticos, cientistas, adolescentes, dançarinos, jornalistas, militares etc. escrevam seus diários e sempre acabem encontrando um público.

Após examinar vários desses escritos, o autor conclui que o diário moderno pode ser examinado à luz de cinco tendências. A primeira diz respeito ao fato de que ele se baseia no “reino da experiência concreta”, tem uma inclinação pelo factual, pelo tangível. Há a nítida preocupação com o concreto e com o sumário de observações objetivas. Em segundo lugar, as anotações diárias sugerem sempre um novo começo e permitem mudar as perspectivas do autor de acordo com necessidades ou desejos. Em terceiro, é um tipo de plataforma através da qual o diarista se comunica com seu público. Não apresenta conclusões mas sugere ao leitor, e às vezes explicitamente lhe pede, que partilhe de suas reflexões. Em quarto, apresenta um tipo de busca de orientação individual e um esforço de desenvolvimento intelectual. Finalmente, representa fragmentariedade, pensamentos inconclusos: não tem um ponto central a ser discutido nem tem compromisso com a coerência ou com a explicação dos fatos.

Seguindo nessa mesma linha, o historiador francês Alain Corbin (1991) chama a atenção para o lugar que o diário ocupará enquanto mecanismo recuperador da memória e ilustrador da emergência da esfera da privacidade. Lembra-nos, inclusive, que a partir de meados do século XIX o diário passou a ser recomendado às moças como forma de registrar resoluções tomadas e progressos da vida espiritual. O coroamento da privacidade surgia, assim, no espaço limitado da microfamília burguesa, gerando fontes documentais – o diário e os álbuns de fotos, por exemplo – ainda pouco exploradas pelos historiadores.²

O diário como uma característica paradigmática da privacidade inerente ao desenvolvimento da família burguesa é também a tese de Didier (1978). Seguindo uma interpretação sociológica, esta autora desenvolve o argumento de que, desde suas origens, os diários são produto da pequena nobreza ou da burguesia, e detém-se em examinar as constâncias que apresentam independentemente de época, autor ou país. Lembra que não existem diários íntimos na Antiguidade nem na Idade Média. Poder-se-ia até supor que tivessem sido escritos e destruídos, mas não se pode aceitar que tenha havido uma destruição tão sistemática a ponto de não haver qualquer resquício. Por isso mesmo, enfatiza que são uma criação posterior ao século XVI, que evolui para o enfoque individualista na medida em que a burguesia assume um poder crescente no patrimônio cultural das sociedades. Samuel Pepys³ teria legado um exemplo de diário que transita do relato contábil aos amores e ao trabalho, e a ênfase dada ao dinheiro e aos assuntos financeiros não seria abandonada em diários

posteriores – nem no do próprio Vargas. No de Pepys, segundo Didier, assim como no de Amiel, escrito dois séculos depois, a preocupação com a situação financeira está sempre presente. Mais do que isso, o diário tem em mira a recuperação, a guarda de todos os eventos da existência. Seguindo a tradição do direito romano, de que apenas o que está escrito tem existência legal, seria uma maneira de comprovar a existência, de atestar, de registrar o que é vivido. É um meio e um fim para capitalizar o que o indivíduo julga ser importante sobre sua vida. É em si mesmo um capital e como tal é guardado, escondido e protegido não só em razão do sigilo mas também por causa das ameaças de intempéries e catástrofes naturais. Ao se guardar um diário haveria uma dupla preocupação: a guarda do papel escrito e a guarda da vida contida no papel. Em outras palavras, guarda-se o diário que contém a vida.

Nesta mesma embocadura vamos encontrar as análises de Peter Gay (1983-84), que vê no diário um artefato histórico a fornecer ao historiador uma característica exemplar da moderna burguesia. Gay lembra que manter um diário não foi uma invenção do século XIX, mas sim o sentido que lhe foi dado. A título de exemplo, menciona que Leonardo Da Vinci encheu seus diários de anotações científicas e de algumas lembranças da infância. John Evelyn e Samuel Pepys, no século XVII, fizeram de seus diários uma obra prima da narrativa factual em língua inglesa, e James Boswell, no século XVIII, recordou suas conversações e experiências amorosas com precisão invejável. Mas apenas no século XIX o diário teria ganho a forma introspectiva e intimista, tornando-se quase que um companheiro obrigatório para aqueles que podiam dispor de tempo livre. Foi usado então como forma de aperfeiçoamento pessoal e até mesmo como recomendação médica para a saúde mental. Firmou-se como um privilégio da burguesia, que fez dele uma maneira de expressar a intimidade mas também sua capacidade de autocontrole, qualidade em que Getúlio Vargas era mestre.

Examinando os diários americanos do século XIX, Kagle (1986) se diz surpreso com o fato de que, comparados com os do século anterior, aumentaram não só em quantidade como em tamanho. Além disso, observa uma maior sofisticação na linguagem e uma abrangência maior de temas tratados. Outra diferença é que a maior parte refere-se explicitamente a um público leitor. Consciente ou inconscientemente, o diarista – como o próprio Getúlio – acaba se referindo a uma platéia.

Nestas considerações não há como deixar de mencionar os trabalhos clássicos de Ponsonby, um *lord* descendente de família de diaristas que reuniu diários produzidos durante três séculos. Na introdução de um de seus livros (Ponsonby, 1923), considerada a melhor que já se fez para apresentar levantamentos do gênero, destaca que existe uma distinção entre a escrita de um diário e a de qualquer outro texto. Para escrevê-lo, talento literário não é pré-requisito.

Por isso mesmo, pessoas de todas as idades que jamais escreveram qualquer linha com pretensões literárias são capazes de manter um diário mais, ou menos, longo. Manter um diário seria ainda algo bem diferente de fazer história, embora esta possa ser uma fonte valiosa para os historiadores. É algo diferente também da autobiografia, trabalho de rememoração distante do calor dos acontecimentos, e das cartas que, embora relatem fatos e impressões imediatas, são escritas para um destinatário específico. Para o autor, é uma forma singular de escrita, de comunicação, que não se confunde com qualquer outra. Ponsonby considera que o diário tem um sabor especial ao registrar mudanças de temperamento e de observação, e ao revelar impressões que só o registro imediato poderia efetuar.

Outro aspecto a mencionar é a indagação que, segundo Ponsonby, tem acompanhado e afligido os estudiosos: por que são escritos? Para o autor, escrever um diário é um hábito que teve no egoísmo uma fonte inspiradora. É claro que não são apenas os egoístas que escrevem diários e que nem todos os egoístas os escrevem, mas seriam um escape para o egoísmo e a vaidade. O impulso para registrar o que se julga historicamente relevante ganha dimensão na medida em que as pessoas se sentem protagonistas e/ou testemunhas de um evento, como se presenciar fosse participar da história e dos ruínas de um país. As celebridades em geral exercem um fascínio especial, e o diarista, ao mostrar que partilhou da intimidade de uma figura célebre, procura superdimensionar sua importância.

Predomina nestes casos uma idéia de que o importante para a história são os grandes acontecimentos, os homens notáveis. Por todas essas razões, segundo o autor, diários, muito mais do que outros escritos, nos dão uma visão especial das grandezas e baixeiras humanas, do trivial e da miséria, e mesmo que não revelem nada considerado excepcional ou pelo menos interessante, sempre serão um registro humano distinto de qualquer outra forma de literatura. Em outro livro o autor declara sua paixão pelo gênero⁴ e lembra que diários plebeus e aristocratas são igualmente importantes e podem mesmo ser considerados os precursores da história social.

Concordando com Ponsonby e sendo um pouco mais pragmático, Fothergill (1974) afirma que a melhor maneira de entender as razões de cada um para escrever seu diário é procurar as explicações dadas pelos próprios diaristas. Normalmente nas primeiras páginas há um espaço reservado a justificativas, mas também o começo de um novo caderno, ou de um novo ano, pode propiciar comentários nesse sentido. O diário de Getúlio não foge à regra. Logo de início apresenta-o como um repositório de fatos que, a exemplo de tantos outros casos aqui já citados, o ajudaria a repensar atos e estimularia a auto-análise e o aprimoramento. Isto fica claro quando afirma:

Lembrei-me que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como quem escreve apenas para si mesmo, e não para o público, teria ali um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua da experiência a consultar. Não o fiz durante a minha mocidade, cheia de tantos episódios interessantes e dignos de anotar que se vão apagando pouco a pouco da memória. (...) Lembrei-me disso hoje, dia da Revolução. Todas as providências tomadas, todas as ligações feitas. Deve ser para hoje, às 5 horas da tarde. Que nos reservará o futuro incerto neste lance aventuroso? (3/10/30)

O que será escrito daí em diante é uma resposta a esta pergunta. É o registro pessoal do que o futuro lhe reservou nos 12 anos seguintes. Mas não é só isso. Para além de um compromisso com os fatos, com a realidade dos acontecimentos, no dizer de Boerner, a quem já mencionamos, Vargas introduz o leitor em sua intimidade, ainda que de maneira discreta e econômica. Aos poucos, vai apresentando a família e seus hábitos caseiros: “Feita a *toilette*, almocei tranquilamente com a minha família e fui depois jogar uma partida de pingue-pongue com a minha mulher, como costume fazer todos os dias a essa hora.” (idem)

Paralelamente apresenta ou vai introduzindo as pessoas com as quais mantém entendimentos para a Revolução nos planos nacional e local. Sintomaticamente, nesse dia 3 de outubro de 1930 faz uma das entradas mais demoradas de seu diário – cerca de três páginas –, onde, além de expor os objetivos do diário e sua rotina como governador e articulador revolucionário, narra o andamento da Revolução, as reações, baixas e vitórias em diversos pontos do Rio Grande do Sul e do país. Os principais atores no processo revolucionário aparecem com o destaque que a história lhes reservou: Osvaldo Aranha, Góis Monteiro e Virgílio de Melo Franco, entre outros. Nos dias seguintes novas figuras vão entrando no cenário, tais como João Alberto, Juarez Távora, João Neves da Fontoura, e outras com papel destacado na política e nos negócios nacionais nos anos seguintes. O elenco revolucionário está em grande parte definido neste momento, e será com ele que Getúlio irá atuar nos anos seguintes, muitas vezes em lados opostos.

A marcha revolucionária é narrada com detalhes, e entre as observações que faz é generoso com o registro da adesão popular e dos gestos de carinho e aclamação que o movimento recebe. “Sente-se que a Revolução está triunfante. Nada poderá detê-la.” É o que afirma dia 5 de outubro, a partir das informações que recebe e dos fatos que observa. “Em todas as estações, o povo aglomerava-se, vitoriando os libertadores.” É a sensação anotada no dia 15, quando já se encontra no Paraná. O diário, nesses dias de campanha, é escrito à noite, dentro do trem de onde comanda o movimento e observa a reação das

idades onde pára. Getúlio faz, na verdade, um itinerário da Revolução, sempre muito cuidadoso ao descrever as manifestações de simpatia que recebe da população:

Chegamos à capital paulista cerca de 11 horas da noite, levado em triunfo da *gare* até o automóvel. Este percorre as ruas no meio de verdadeiro delírio popular. Parece que toda a população de São Paulo comungava com a Revolução. Magnífico povo.

Sou conduzido até os Campos Elísios, onde me aguardavam muitas famílias da melhor sociedade paulista, que me acolheu carinhosamente. Mando franquear ao povo os jardins do palácio e, da escadaria deste, falo ao povo, fazendo declarações sobre os propósitos da Revolução. (29/10/30)⁵

Ao lado deste fascínio pela aprovação popular, aparece a determinação em não fazer qualquer concessão aos donos do poder que estava derrubando pelas armas, bem como em imprimir a seu papel de líder uma autoridade inquestionável. Relata os primeiros atos e nomeações como chefe de Estado e apresenta-se como um vitorioso, apoiado e aplaudido pelo povo, que sabe se impor junto aos pares e aos perdedores. Em vários desses momentos menciona a figura de João Pessoa, seu antigo parceiro na disputa eleitoral de 1930, e que, assassinado, tornara-se o símbolo da resistência à República Velha. Com muito cuidado descreve as preocupações e os cuidados para a organização de seu ministério. Afirma não querer repetir o padrão anterior de privilegiar os grandes estados, mas acaba se rendendo a pressões de vários lados. Não consegue, por exemplo, satisfazer às ambições e controvérsias em São Paulo, o que acaba provocando a guerra civil, em nome da qual vai justificar as atitudes, mais ou menos discricionárias, que tomará nos anos seguintes. Permeando seus escritos, fica a impressão de que sua idéia de revolução remetia a um novo começo, a uma reconstrução nacional onde novos hábitos e padrões pudessem se impor com rapidez. Para tanto concorreriam seu tino político e os caprichos do destino:

Quantas vezes desejei a morte como solução da vida. E, afinal, depois de humilhar-me e quase suplicar para que os outros nada sofressem, sentindo que tudo era inútil, decidi-me pela revolução, eu, o mais pacífico dos homens, decidido a morrer. E yenci, vencemos todos, triunfou a Revolução! Não permitiram que o povo se manifestasse para votar, e inverteram-se as cenas. Em vez do sr. Júlio Prestes sair dos Campos Elísios para ocupar o Catete, entre as cerimônias oficiais e o cortejo dos bajuladores, eu entrei de botas e esporas nos Campos Elísios, onde acampeei como soldado, para vir no outro dia tomãr posse do

O Fio da Meada no Diário de Vargas

governo no Catete, com poderes ditatoriais. O sr. Washington Luís provocou a tormenta, e esta o abateu. Dizem que o destino é cego. Deve haver alguém que o guie pela mão! (20/11/30)

De outra parte, chama atenção a maneira relapsa como trata datas como o Natal e Ano Novo, momentos mais propícios aos encontros familiares. Normalmente não há sobre isso referências especiais. O governo parece ser mais importante. A vontade de tudo controlar, como lembra Aspásia Camargo (1994), começa pelo autocontrole, pela disciplina consigo mesmo, raras vezes quebrada neste diário que reserva pouco espaço a apreciações pessoais. Por isso mesmo, não só no momento pós-revolucionário como no decorrer dos anos seguintes, é marcante a preocupação com os militares, figuras centrais na política brasileira, e que, junto com Getúlio, em 1930, derrubaram o governo em nome de uma “republicanização” do país. Ao lado disso, há freqüentes menções a conspirações comunistas e a deslealdades, e chega a surpreender a quantidade de vezes em que o assunto é mencionado. É um indício revelador da instabilidade que se cria depois da Revolução e que se torna tão mais grave na medida em que às conspirações militares se somam conflitos políticos entre novos e antigos aliados e entre estes e os opositores do novo governo. As conspirações militares a que se refere envolvem generais competindo entre si ou questionando o governo, mas também levantes de sargentos e soldados contra seus superiores. A fraqueza do Exército e sua precária disciplina interna são descritas de maneira preciosa para o historiador.

Militares, finanças e reorganização administrativa do Estado são os pontos marcantes de suas notas. Entrecortam este tipo de registro algumas passagens sobre a vida social e familiar, que narra sem entusiasmo, e algumas outras sobre encontros amorosos que normalmente retrata como um hábito absolutamente rotineiro. Apenas uma única vez menciona amor e paixão por uma mulher. Sua vida íntima é abruptamente cortada das anotações em 1939, momento em que mais se debate com sentimentos envolventes e perigosos, segundo ele, para a imagem de um chefe de Estado. É o autocontrole que se impõe à manifestação das emoções. Por isso não se trata de um diário íntimo ou confessional. É ao contrário um esforço constante para não deixar transparecer sentimentos, e quando estes aparecem trazem ao leitor um sabor especial e inesperado.

A primeira dessas anotações se dá em inícios de 1931: “À tarde, uma visita agradável, interrupção de três anos e meio de vida regular. Uma sinalefa!!” Comentários deste tipo nunca serão longos. Nota-se, além do mais, o cuidado em não mencionar ou não precisar nomes e locais. É a discrição que se impõe aos atos de natureza íntima.

Embora a intenção declarada inicialmente para a feitura do diário fosse o registro dos feitos, da experiência vivida como administrador, às vezes esse objetivo parece frustrado. Em início de outubro de 1931, ou seja, um ano depois da Revolução, declara:

Nestas anotações, escapam geralmente medidas de ordem administrativa do expediente ordinário, e que constituem a mais interessante função, porque são atividades construtoras e positivas. Quando vou lançar ao papel estas rápidas anotações, já não posso reconstituir o que ficou para trás.

Em fins desse ano, constata que o “grupo revolucionário parece perder terreno”, que a Revolução ainda é não é uma certeza, e que o grupo que o apóia deixou de ter consistência. Vai mais longe ao afirmar:

A passagem do ano não me sugere idéias, esperanças? Sim, esperanças de prosperidade para o Brasil. Tudo indica que terminou a convalescença e começa a prosperidade. Sinto o meu declínio político, ou por falta de capacidade para abrir novos horizontes, ou por falta de apoio para transformações mais radicais.

A falta de perspectivas e o medo do futuro são acompanhados nesse momento por uma rotina normal de trabalho e por uma frugalidade natalina surpreendente: “À noite, no Guanabara, véspera de Natal, algumas pessoas da intimidade celebraram a data em torno de uma mesa de doces. Não recebi presentes. Papá Noel não me foi propício.” (24/12/1931) O Carnaval de 1932 é da mesma maneira um momento de poucos lazeres:

Foi o Carnaval. Quem conhece a loucura coletiva desse período, que absorve inteiramente a vida carioca, sabe que nada se pode fazer. Embora não tomasse parte nas festas, menos por falta de vontade do que pela dignidade da função, adiantei um pouco a revisão dos orçamentos e a Lei Eleitoral. (3 a 10/2/32)

Dias depois anota uma data familiar, mais uma vez demonstrando que momentos como esses – vida doméstica e as celebrações do cotidiano – tinham caráter secundário: “Completo-se, no primeiro, o meu 21º aniversário de casamento, mas as preocupações políticas encheram o dia, esquecendo a data doméstica.” (4 e 5/3/32) Observe-se que não é normal falar de sentimentos pessoais ou de seu estado de espírito, e quando o faz há quase sempre um tom amargo. Os sucessos políticos, que passará a acumular, não merecem comentários vaidosos ou de auto-exaltação. Não se detém em louvar os triunfos como se o sucesso fosse simplesmente uma mera obrigação política. Mas esse sucesso

nunca parece suficiente: “Sinto que os elementos mais extremados vão se afastando de mim e que começo a perder o controle sobre eles.” (9 a 14/6/32) Esta perda de controle e o sentimento de incerteza ficam mais precisos quando eclode a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em julho de 1932. O governo fora tomado de surpresa sem ao menos saber se estaria militarmente preparado para enfrentar os rebeldes. A perspectiva da guerra civil não parecia fazer parte de seus horizontes. Ao encerrar suas notas no dia 9 de julho de 1932, mostra claramente um grande desconhecimento do que poderia advir.

O andamento do movimento será detalhadamente relatado, nunca faltando toques de surpresa quanto ao que considera como traições. Relata as viagens que faz aos campos de operação, o andamento da guerra, baixas, conquistas, perdas. O sentimento de orgulho e autoridade mais uma vez transparece quando menciona as várias propostas para a paz. Fica evidente que quer uma rendição completa dos rebeldes, sem concessões, e por isso critica a proposta de pacificação de seu velho chefe, Borges de Medeiros: “As sugestões do antigo chefe rio-grandense são condições de um vencedor para um vencido. Recuso-as.” (20 a 24/7/95) Concorda com seu ministro da Guerra, que só aceitaria uma rendição incondicional. Os estudiosos da revolução de 1932 encontrarão aqui dados preciosos. Assim como Colombo fizera em seu diário de bordo, e muitos outros diaristas registraram em suas viagens, Getúlio neste momento faz o diário da guerra e da análise de suas razões. E nesses dias, há sempre um espaço para mencionar traições dos aliados de 1930, principalmente quando se trata de seus conterrâneos gaúchos.

É dentro de um clima de insegurança que inicia as anotações em setembro de 1932:

É preciso um espírito forrado de grande serenidade para resistir aos embates morais desta luta. A um dia de relativa tranquilidade, sucede-se outro cheio de boatos, de intrigas, de conspirações, de ameaças de atentados pessoais. Procuro isolar-me dessa atmosfera enervante que só serve para perturbar.

Dias depois recorre à fé: “Encerro estas notas em uma noite cheia de apreensões. Só a fé fortalece. A ela me acolho para não vacilar. Por ela devo salvar-me, ou com ela sucumbir sem desfalecimentos.” (10 e 11/9/32) Em meio a tudo, um agudo senso de observação das contradições, dos imprevistos, das armadilhas do destino que ora junta antigos rivais, ora transforma ódios passadas em parcerias de momento. Este é o caso de seu chefe Borges de Medeiros em relação a Artur Bernardes, ambos, talvez por razões diferentes, apoiando a revolução paulista. Mas mesmo nestas notas sobre o imponderável, há um toque de cinismo na maneira de referir-se àqueles que dele discordam:

Foi preso, numa fazenda em Minas, o sr. Artur Bernardes. Assentei que ele e o sr. Borges de Medeiros fossem recolhidos à ilha do Rijo, sob a guarda da Marinha. O almirante Protógenes, ministro da Marinha, antigo prisioneiro de Bernardes, é hoje seu guarda. Bernardes e Borges, dois homens que fundamente se hostilizaram e prestaram-se depois muito apoio, dois temperamentos afins de dominadores decaídos e não-conformados, vão afinal conhecer-se... na mesma prisão. Devem aí dialogar sobre a precariedade das grandezas humanas. Não se trata propriamente de uma prisão; é antes uma residência presidencial criada pelo sr. Bernardes durante seu governo. (21 a 23/9/32)

O fim da guerra civil é também marcado de forma irônica, como se uma derrota pelas armas pudesse ser compensada com cargos e empregos, mas a exemplo de outros momentos não há aqui nenhum sinal especial de euforia. Ao contrário, pouco tempo depois reclama de solidão e isolamento: "Sinto-me doente e bastante abatido. Não tenho a quem me queixar nem me sobra tempo para um tratamento sério." (1/11/32) Ao lado da solidão revela fadiga pelas articulações em torno da constitucionalização do país: "Estes dias decorrem entre o despacho normal do expediente e as cogitações políticas sobre a futura organização partidária. Confesso minha repugnância, verdadeira fadiga para tratar desses arranjos, que só a necessidade de defesa do governo me leva a cuidar." (6 e 7/3/33)

As eleições para a Constituinte, em 1933, ocorrem quando se encontra acamado em função de um acidente automobilístico no qual sua esposa também saiu ferida. Dá detalhes dos problemas de saúde de ambos, principalmente de dona Darcy, e expressa desconforto com o comportamento dos amigos e dos parlamentares que elaboravam a nova Constituição. Em meio a isso, a nomeação de Armando de Sales Oliveira para a chefia do governo de São Paulo parecia uma concessão desconfortável: "Vou entregar São Paulo aos que fizeram a revolução contra mim. Não pode haver maior demonstração de despreendimento. Será que estou colocando armas nas mãos dos inimigos para que se voltem contra mim? Que farão na Constituinte? O futuro dirá, e muito próximo!" (13/8/33)

A fadiga com as negociações políticas parece transparecer ainda mais quando começam as articulações para as candidaturas presidenciais em 1934. Embora diga evasivamente que não é candidato, deixa transparecer um tom de queixa e decepção quando outros candidatos aparecem em cena. Chama a atenção ainda a maneira como se refere à nova Constituição em elaboração, a qual, excessivamente liberal segundo ele, iria aprisionar o próximo governo. Aqui, a sensação de imprevisto e de imponderável parece mais presente do que

O Fio da Meada no Diário de Vargas

durante as revoluções de 1930 e 1932 pois o formato institucional que o país estava tomando independia de sua força ou vontade.

Quase eleito presidente pelo Congresso, a posição quanto à nova Carta é bastante elucidativa:

Com a Constituição que está para ser votada, talvez seja preferível que outro governe. Não tenho dúvidas sobre as dificuldades que vou enfrentar, e talvez seja mesmo preferível que tome outro rumo, pois já começo a acreditar que, com tal instrumento de governo, será perdido o esforço. (16/6/34)

Dias depois, os comentários são ainda mais expressivos: "Entre festas e demonstração de regozijo, foi promulgada a nova Constituição. Parece-me que ela será mais um entrave do que uma fórmula de ação..." (14 a 16/7/34) E adiante: "É preciso uma diretriz segura e flexível para a monstruosa Constituição que devemos cumprir."

Alianças instáveis haviam dado o tom de sua entrada na chefia do Executivo nacional e nada parecia atenuar essa situação nos anos seguintes. A maior perda em suas fileiras virá novamente de seu estado natal quando o governador Flores da Cunha, um dos artífices de sua eleição em 1934, começa a mover-se para a oposição até ser defenestrado em 1937. A rapidez dos acontecimentos sugere dúvidas em relação ao próprio diário. No dia 18 de setembro de 1934 expressa preocupação quanto a mantê-lo, posto que pecava pela omissão de coisas que julgava importantes:

Anotei apenas isto. No entanto, ocorreu tanta coisa durante o dia e à noite que enriqueceria estas páginas, e foi posta de lado. Não há tempo para escrever tudo o que ocorreu no dia anterior. Valerá a pena continuar estas anotações? Terão algum valor, lançadas, assim, apressadas, apressadamente, sem forma, palidamente, truncadas, defeituosas, abrangendo

Por certo, se era esse o rumo que o diário estava tomando, não estaria mais cumprindo o objetivo inicial que se propusera – ser um repositório de lembranças com finalidades pedagógicas para o futuro. Apenas reunia notas apressadas e incompletas. Mas talvez por isso mesmo ganhasse uma nova significação, pois notas corridas devem expressar uma seleção do que o autor julga mais relevante de ser lembrado. De outra parte, lacunas em termos de cronologia são praticamente inexistentes, e isto é importante para marcarmos transformações em seu estado de espírito. Deste ponto de vista é sugestiva a forma como assinala a decisão de casar no religioso, depois de 23 anos de casamento civil. O gesto pode ser interpretado como uma razão de Estado para

um presidente de um país católico, mas não parece ser essa a principal razão. O casamento no religioso é apresentado como um sinal de mudanças interiores, espirituais, que prefere manter em segredo:

Estes dias foram pontuados de fatos interessantes. No primeiro, casei-me... religiosamente. Não o havia feito ainda, por ausência eventual do padre na época do casamento civil, e também por um caso de consciência. Fi-lo agora para atender minha mulher, e também por um caso de consciência... transformação lógica do pensamento. (11 a 14/12/34)

Mudanças de consciência não alteram contudo a maneira pouco ritualizada de referir-se a datas religiosas e familiares. A ritualização que reconheceu como merecedora de atenção diz respeito a outros fatores. Preferiu, como se sabe, ritualizar datas nacionais, criar mitos e apelos populares e projetar sua imagem de homem pouco afeito a bajulações e intimidades. A expressão mais clara disso no diário está relacionada aos dias de seu aniversário. Menciona que sempre se ausenta do Rio em caráter particular para não ser importunado e também para não criar constrangimentos aos que o cercam no governo.

Como lembra Fothergill, em alguns momentos especiais o diarista expõe por que mantém um diário, e as explicações vão mudando com o tempo. No dia 1º de janeiro de 1936 as razões de Vargas parecem bem diferentes das que assinalou no início do primeiro caderno. Não teriam caráter oficial, não seriam um balanço do governo, nem teriam o objetivo de lembrar coisas passadas e de auxiliar a memória. Assemelha-se agora a uma explicação para o público, justificativas para gerações futuras do que foi seu trabalho e sua rotina no exercício da presidência, e alerta o leitor para o que irá encontrar:

Este caderno não é a descrição do que fiz como governo. Isso se encontra nos documentos oficiais. É uma anotação pessoal, feita no dia seguinte, do que se passou no anterior, ou antes, daquilo que minha memória reteve. Eis por que não se encontrará aqui nenhum balanço dos trabalhos do ano. Não há aqui espaço nem tempo para fazê-lo. (14/11/36)

Em fins de 1940 o tom não parece diferente:

Se eu fosse relatar aqui tudo o que se passa comigo nesse prazo de 24 horas, as preocupações criadas pela situação de guerra na Europa, sua repercussão em nossa vida, as múltiplas ocupações da administração em um vasto país cheio de problemas a resolver, encheria, de cada vez, muitas páginas deste caderno. Limito-me, por isso, a uma simples anotação sumária dos fatos. (8/7/40)

Vemos por essas explicações que a insatisfação que revela para com seus feitos políticos e administrativos atinge também a apreciação que faz do diário. Trata-o como obra insatisfatória, repleta de lacunas, sem objetivos muito precisos e pouco cultuada pela falta de tempo. Mas apesar dessa insatisfação o hábito se mantém, e dele vão surgindo aspectos reveladores dos valores que preza e dos conceitos que julga úteis para expressar opções que tomou vida afora. A admiração por Carlyle, filósofo apologista do herói como móvel construtor da história e que considerava Martinho Lutero um dos poucos heróis fundadores da civilização moderna, é revelada de uma maneira surpreendente: “Aniversário do Lutero, que veio da cidade para nos ver. É o filho mais velho que completa 24 anos! Seu nome, que é o meu tributo de admiração por Carlyle, tem dado lugar a muitos equívocos, entre eles, o de minha filiação ao protestantismo.” (24/2/36).

A reprodução de uma conversa com este filho fornece outra bela embocadura para a apreciação dos princípios filosóficos que procura imprimir à sua vida pública:

À noite, conversava com meu filho Lutero sobre a preocupação filosófica nos últimos anos de minha vida de estudante, a ânsia de encontrar na ciência ou na filosofia uma fórmula explicativa da vida e do mundo. Falou-me dos vestígios que ele encontrava dessa preocupação nos livros da minha biblioteca que ele estava percorrendo e nas anotações encontradas. No conceito que eu lhe repetia, e que ele encontrara nessas anotações ou referências, estava, como aplicação da teoria darwiniana, que vencer não é esmagar ou abater pela força todos os obstáculos que encontramos – vencer é adaptar-se. Como tivesse dúvidas sobre a significação da fórmula, expliquei-lhe: adaptar-se não é o conformismo, o servilismo ou a humilhação; adaptar-se quer dizer tomar a coloração do ambiente para melhor lutar. (13 e 14/3/36)

Adaptar-se para lutar – e vencer – foi talvez a habilidade mais desenvolvida por Getúlio mesmo que em certos momentos a dúvida pesasse sobre a consciência enquanto ações eram ditadas pela *rationalidade* da preservação do poder. Estão neste caso as prisões, por ele ordenadas, de dois antigos aliados: Luís Carlos Prestes e Pedro Ernesto. Sobre este último revela:

No dia combinado, realizou-se a prisão de Pedro Ernesto. Embora as circunstâncias me forçassem a consentir nessa prisão, confesso que o fiz com pesar. Há uma crise na minha consciência. Tenho dúvidas se este homem é um extraviado ou traído, um incompreendido ou um ludibriado. Talvez o futuro esclareça. (3 e 4/4/36)

Estas e outras entradas nos legam a impressão de que não se trata de um diário íntimo. É um relato, uma prestação de contas para a posteridade com as evidências que julgou relevantes para explicar como foi levado a tomar certas decisões ainda que, em certos momentos, amargas. Problemas de consciência e medo de castigos divinos aparecem também no que toca à vida privada. Isso fica patente quando se refere à paixão extra-conjugal que o mobilizou:

Terminado o expediente, saí à tardinha para um encontro longamente desejado. Um homem no declínio da vida sente-se, em um acontecimento destes, como banhado por um raio de sol, despertando energias novas e uma confiança maior para enfrentar o que está por vir. Será que o destino, pela mão de Deus, não me reservará um castigo pela ventura deste dia? (29/4/37)

Mas esse tipo de preocupação não é mencionado quando se pronuncia ditador, fechando o Congresso e cancelando as liberdades políticas. No dia 10 de novembro de 1937, antes de se anunciar a nova Constituição, encontrou-se com a amante e, depois de anunciar o novo regime, atendeu a um compromisso social na embaixada da Argentina. O golpe revestia-se de uma naturalidade que em nada parecia chocar os auxiliares, enquanto os opositores já se encontravam politicamente eliminados. A serenidade com que apresenta o Estado Novo advém em grande parte das razões econômicas por ele alegadas. Sem Congresso e sem políticos o país estaria poupando dinheiro, evitando despesas, embora o presidente ficasse mais sobrecarregado de trabalho. Mas isso não parecia desagradar-lhe: "A faculdade legislativa de que estou investido aumentou muito o serviço, com grande economia para o Tesouro." (18/11/36)

Sintomaticamente, com a instauração do Estado Novo o diário perde muito em termos de suas qualidades para expressar pontos de vistas sobre os homens. A atividade política, denominada por Vargas de "velhas fórmulas" e "ranço democrático", desaparecia, e com ela o diário era privado de uma de suas mais interessantes facetas: registrar e mapear o comportamento dos homens que também almejavam o poder. A partir de então muda substancialmente, porque a matéria prima que o alimentava também mudara. Com exceção de menções a conspirações militares e à guerra que se instaurava na Europa, o diário assume um aspecto bem mais administrativo. Um especial toque dramático fica por conta da Ação Integralista: "Talvez recrudesçam os boatos da minha eliminação por um golpe de surpresa. Esta ameaça repetida não me impressiona nem preocupa. Trabalho em benefício do país. E se for eliminado à traição ou por surpresa? Não será um meio de sair dignamente da vida?!" (18/3/1939)

A solidão, tema recorrente, é atribuída não apenas às lides administrativas mas também às incompreensões domésticas: "À noite, insone e tossindo,

O Fio da Meada no Diário de Vargas

perturbei a tranqüilidade de minha mulher, chegada do cinema, que me disse compreendia agora a necessidade de camas separadas. Não discordei, mas compreendi melhor a razão por que às vezes sinto-me tão isolado." (1/3/40) Esse isolamento o leva a considerar que, apesar das atribuições e responsabilidades que acumulara, não encontrara parceiros para dividir responsabilidades. Tomou a si a tarefa do governo absoluto e, longe do referendo da população ou dos representantes políticos, constatava: "Não tenho, às vezes, para juiz senão Deus e a minha consciência." (17/10/41) E se procura um escape no lazer, o prazer que procura nos jogos de *golf* entra em choque com o desconforto que este esporte lhe causa: "Nos dias de *golf*, sofro de insônias, e os sonos são curtos e agitados." (23/2/41)

Um ano antes de encerrar o diário, depois de tê-lo interrompido alguns meses em função de um acidente automobilístico, Vargas relata que pela primeira vez havia perdido suas notas. O medo de que tivessem sido encontradas ou lidas por terceiros é típico do ciúme que os diaristas nutrem por seus diários: "Perdi minhas notas e observações, ou antes, o pequeno bloco que as continha e que me acompanhou na viagem a São Lourenço. Tê-lo perdido não é o pior, mas cair nas mãos de pessoas que podem explorá-lo." (15 de abril a 5 de maio de 1941) Ao encerrar seu diário, em setembro de 1942, justifica que a interrupção de meses impedia a retomada do relato dos acontecimentos mas adiciona um ingrediente de ordem pessoal sem que justificativas sejam dadas: "A revolta, o sofrimento também mudou muita coisa dentro de mim!"

Concluindo nossas observações, vale recorrer a um caso ilustrativo da mitologia grega. No mito clássico, Teseu vem a Creta para matar o Minotauro, monstro que habitava um labirinto e ao qual eram oferecidos em sacrifício homens e mulheres jovens. Ariadne, filha do rei Minos, deu a Teseu uma espada e um novelo para ser desenrolado enquanto percorresse os corredores escuros onde o monstro habitava. Teseu matou o Minotauro com a espada e na volta, seguindo o percurso do fio, escapou do labirinto. Para Lifshin (1982), a única forma de sairmos do labirinto de nossa existência é sermos capazes de fazer o caminho de volta. Nesse sentido o diário pode ser o fio da meada. A analogia se adequa bem ao caso de Vargas pois, pelo que acabamos de narrar, seu diário nos dá instrumentos para recuperar o fio que explica seu medo do fracasso, a desconfiança nos homens, a visão salvadora do chefe e a impossibilidade de conceber a vida pública sem sucesso ou aprovação. Nesse fio, ao lado da solidão, a morte é uma menção constante. A morte voluntária que selou seu destino em 1954 deu nova dimensão a seu papel histórico, e o diário que deixou cumprir o mesmo destino. É certamente difícil saber de que maneira essas notas lhe foram úteis, mas não é difícil imaginar que com sua publicação ganhamos novas páginas reveladoras sobre o homem e sua obra e ainda um estímulo adicional

para pensar de que maneira diários podem se converter em objetos de estudo. A contribuição que cada diário poderá trazer para a pesquisa histórica não depende apenas do que contém; mas principalmente do que pode ser dito a seu respeito.

Notas

1. Além do sempre lembrado caso Olga Benário, expulsa quando grávida pelo governo brasileiro para ser moita nos campos de concentração nazistas, há outras omissões ou "displicências" que deixam o leitor inquieto. É o caso, por exemplo, da candidatura de Vargas em 1934, dos preparativos do golpe de 1937, dos encontros e acertos com os integralistas e das intervenções na imprensa. Sobre conteúdos e omissões do diário de Vargas ver o excelente comentário de Boris Fausto, *Folha de S. Paulo*, 8 de março de 1996, Jornal de resenhas, p. 1 e 2.

2. Sobre esse assunto ver também Alain Girard (1963).

3. O diário de Samuel Pepys, embora seja um registro de ordem pessoal, é uma crônica dos negócios públicos. Nele a história do homem se confunde; e em certos momentos se funde, com a da nação. As duas permanecem separadas, no entanto, pelo esforço que empreende em fazer, ao fim de certos dias ou anos, anotações e declarações separando o que é pessoal dos negócios públicos. Para Matthews (1970), contudo, independentemente de seu caráter mais ou menos privado, o diário de Pepys é uma fonte inesgotável para se reconstruir o mundo de seu tempo – um mundo comprometido com as revoluções que geraram catástrofes e caos. Essa instabilidade política levava a que o interesse pela política fosse grande no período, e por isso Pepys

não era uma exceção. O perfil que faz dos indivíduos, os fatos que narra fazem de seu diário a mais importante fonte para se conhecer a história de Londres de sua época

4. "They are better than novels, more accurate than histories, and even at time more dramatic than plays." Arthur Ponsonby (1927).

5. Nos anos seguintes Vargas alude algumas vezes à simpatia que recebe da população, mas não se verifica mais o mesmo detalhamento na descrição desses momentos.

Referências bibliográficas

- BOERNER, Peter. 1972. "The significance of the diary in modern literature", *Yearbook of general and comparative literature*, vol. 21, p. 41-5.
- CAMARGO, Aspásia. 1994. *Oswaldo Aranha, a estrela da Revolução*. Rio de Janeiro, mimeo, 87p.
- CORBIN, Alain. 1991. "O segredo do indivíduo", em PERROT, Michell (org.). *História da vida privada*, vol. 4 (Da Revolução Francesa à Primeira Guerra). São Paulo, Companhia da Letras.
- CRUZ, Maria del Carmen. 1975. *La forma diário em la narrativa hispanoamericana contemporanea*.

O Fio da Meada no Diário de Vargas

- Tese de doutorado, University of Illinois at Urbana-Champaign.
- CULLEY, Margo (ed.). 1985. *A day at a time: the diary literature of American women from 1764 to the present*. New York, The Feminist Press.
- DIDIER, Beatrice. 1978. "Pour une sociologie du journal intime", em DEL LITTO, Vittorio (org.). *Le journal intime et ses formes littéraires*. Genève, Librairie Droz.
- FOTHERGILL, Robert. 1974. *Private chronicles: a study of English diaries*. London, Oxford University Press.
- GAY, Peter. 1983-84. "The discrete pleasures of the bourgeoisie", *The American Scholar*, vol. 53, p. 91-99.
- GIRARD, Alain. 1963. *Le journal intime et la notion de personne*. Paris, PUF.
- KAGLE, Steven E. 1986. *Early nineteenth-century American diaries literature*. Boston, Twayne Publishers.
- LIFSHIN, Lyn. 1982. *Ariadne's thread. A collection of contemporary women's journals*. New York, Harper & Row, Publishers.
- OLNEY, James. 1987. "Autobiography and the cultural moment", em OLNEY, James (ed.). *Autobiography: essays theoretical and critical*. Harvard University Press.
- PONSONBY, Arthur. 1923. *English diaries: a review of English diaries from the sixteenth to the twentieth century with an introduction on diary writing*. London, Methuen & Co. Ltd.
- _____. 1927. *More English diaries: further reviews of diaries from the sixteenth to the nineteenth century with an introduction on diary writing*. New York, George H. Doran.
- RAOUL, Valerie. 1989. "Women and diaries: gender and genre", *Mosaic*, vol. 22, nº 3, p. 57-65.
- WILLIAM, Matthews. 1970. Introdução a *The diary of Samuel Pepys* organizado por LATHAM, Robert and MATTHEWS, William. Berkeley, University of California Press. 11 volumes.

(Recebido para publicação em junho de 1996)